

Neoliberalismo e sofrimento psíquico: o mal-estar nas universidades

HERIBALDO MAIA

Recife: Ruptura, 2022. 176p.

*Cárita Portilho de Lima**

Em tempos nos quais os resultados alcançados em avaliações de revistas científicas, cursos de graduação e pós-graduação – pautadas em parâmetros quantitativos, indiferentes à lógica de produção do conhecimento e pouco discutidos com a comunidade científica – são festejados e exaltados no interior das universidades públicas brasileiras inclusive por setores, grupos e pessoas que se reivindicam críticos e progressistas, o livro de Heribaldo Maia constitui-se como um oportuno chamamento para uma análise acerca da lógica que tem regido as relações acadêmicas sob a égide do neoliberalismo e seus efeitos coletivos e individuais, especialmente no que concerne à saúde mental de estudantes de cursos de graduação de universidades federais brasileiras.

O livro, que conta com um prefácio de Dassayeve Távora Lima e orelha de Jones Manoel, é fruto de pesquisas realizadas pelo autor durante o curso de licenciatura em história na Universidade Federal de Pernambuco. A argumentação está organizada com vistas a sustentar a seguinte tese: “a inserção da racionalidade neoliberal no ambiente acadêmico criou uma máquina de moer gente bem cruel” (p.163).

* Professora do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: carita.portilho@yahoo.com.br

Desde uma perspectiva original e criativa, Heribaldo Maia propõe diálogos entre Marxismo, Teoria Crítica – com especial destaque para a teoria do reconhecimento de Axel Honneth – e Psicanálise, assumindo o compromisso ético-político com a luta pela educação como um “direito universal submetido à soberania popular e aos interesses da classe trabalhadora” (p.154), em detrimento da lógica hegemônica que a esvazia e formata como mais uma mercadoria passível de ser comercializada.

O texto está organizado, essencialmente, em três momentos por meio dos quais o autor tece a trama de seu argumento. Para contextualizar criticamente o debate sobre a produção de sofrimento psíquico no âmbito das universidades federais brasileiras, explicita a concepção de sujeito que sustenta as análises propostas, apresenta o debate sobre as dinâmicas de produção de sofrimento humano e sustenta que esses processos precisam ser compreendidos desde a dialética sujeito e sociedade, a partir de uma leitura concreta sobre como o modo de produção social circunscreve os caminhos de humanização e os sofrimentos a eles vinculados.

Assim, no capítulo intitulado “Vínculos intransponíveis”, Heribaldo Maia apresenta uma concepção de sujeito que, em termos essenciais, parte da perspectiva de que as formas de sofrimento dependem de “uma gramática estruturada pelo desejo, pela linguagem e pelo trabalho” (p.27).

Defendendo uma concepção dialética entre sujeito e sociedade, o autor compreende que as formas de vida, vínculos éticos e modos de sofrimento são dimensões indissociáveis. Utilizando obras de arte como recursos para o estabelecimento de relações e diálogos que auxiliam na compreensão dos argumentos e conceitos propostos, conclui esse momento da análise destacando o importante papel da articulação coletiva e política de demandas subjetivas como via para estabelecer formas de reconhecimento e manejo do sofrimento humano.

Em “A nova gramática do capitalismo”, o autor passa a discutir, concretamente, como as formas de organização social e suas gramáticas determinam as possibilidades humanas de narrativa de sofrimento. Partindo de uma leitura sobre os modos pelos quais a histeria e a neurose constituem-se como produtos da sociedade capitalista industrial e disciplinar, o autor chega ao debate sobre como a sociedade da performance ou do desempenho, sob a égide do neoliberalismo, tem produzido pessoas ansiosas, deprimidas e esgotadas.

Dessa forma, valendo-se uma vez mais de recursos estéticos para apoiar suas análises, o autor defende que, ainda que o mundo siga sendo regido pela ordem do capital, preservando sua estrutura central, novos imperativos econômicos, éticos, morais e culturais estão postos pelo neoliberalismo no sentido de produzir as mudanças necessárias para preservar a essência do modo de produção capitalista.

Assim, busca explicitar como o sofrimento produzido pelo e no capitalismo, em especial em sua expressão neoliberal, evidencia com didatismo o entrelaçamento entre o modo de produção social e os processos humanos de sofrimento. Nesse sentido, Heribaldo Maia entende o neoliberalismo como uma racionalidade

que produz não apenas modos de organização econômica, social, política, mas também modos de subjetivação, desenhando um novo sujeito: “Esse mundo sem exterioridade, onde somos senhores e escravos de nós mesmos, completamente colonizados pela racionalidade neoliberal, quebrou o tempo da narrativa e assim quebrou a capacidade humana de narrar a si mesmo, reduzindo a existência humana a uma concatenação constante de autoavaliação contábil” (p.99).

Em seu último recorte analítico intitulado “O mal-estar nas universidades”, o autor examina, respaldando-se em dados dos questionários da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes) e Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Estudantis (Fonaprace), como o *ethos* neoliberal e a gestão empresarial da educação transformam o espaço acadêmico em fonte de tensão, desprazer, insatisfação e, conseqüentemente, de mal-estar e sofrimento psíquico. Aproximando-se da vivência de discentes das graduações, o autor destaca que, no relatório de 2018, os estudantes que indicaram ter problemas de saúde emocional e mental somam o preocupante número de 83,5%.

Nesse sentido e considerando os impactos da reforma de Estado imposta pelo neoliberalismo à sociedade brasileira e, em especial, às universidades públicas, discute-se como os cortes orçamentários; a precarização do trabalho; o aumento de estudantes sem contratação proporcional de professores e técnicos; o produtivismo; a competitividade; a lógica da avaliação alheia e externa ao processo de ensino e à produção de conhecimento; a insuficiência das políticas de assistência e permanência estudantil; a ausência de pausa, reflexão, ócio e pensamento intelectual intensificam as formas socialmente dadas de sofrimento no interior das universidades, como uma “bússola que denuncia os limites humanos diante da desumanização neoliberal” (p.142).

Por fim, o que o autor caracteriza como um “modesto livro” parece-nos expressar a potência de uma voz atenta, autêntica e contundente que, ao denunciar o *modus operandi* forjado a partir da racionalidade neoliberal e incorporado acriticamente pela gestão, cultura e relações acadêmicas, conclama-nos à imaginação e luta políticas a favor da construção de outro modo de funcionamento da universidade, implicado com a formação, cuidado e acolhimento dos sujeitos que a constroem e comprometido com a produção e socialização de conhecimentos, práticas e tecnologias voltados para as necessidades da classe trabalhadora que a produz e sustenta.

Dessa forma, não restam dúvidas de que esta obra apresenta todas as condições de cumprir o importante papel a que se propõe: estimular a pesquisa, as discussões e o debate público sobre a saúde mental nas universidades brasileiras.

CONSULTE A BIBLIOTECA VIRTUAL DA *CRÍTICA MARXISTA*

<http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista>

CRÍTICA marxista

Miséria na filosofia marxista:

Postone leitor do *Capital*

Jacques Bidet

A crise mundial e suas consequências

Maria de Lourdes Rollemberg Mollo

Lukács e a necessidade social da religião

Ranieri Carli

Ideologia e educação estética no cinema

Ronaldo Rosas

Documento: Carta ao Comitê Central

do Partido Comunista

Louis Althusser

41